

ENTREVISTA PARA RODRIGO DE SOUZA LEÃO

(Revista *Balacobao* - ano VI - número 72 - Rio de Janeiro,
28 de junho 2003)

1. Como você definiria a sua poesia?

Definições são sempre problemáticas, falseadoras da realidade. Classifica-se para tentar não compreender. É impossível, entretanto, não notar certas similitudes nas obras de autores de um dado período. Só nesse sentido posso tentar definir minha poesia, embora não me agrade muito tal taxonomia. Por outro lado, não vejo vínculos fortes entre meu trabalho e as poéticas atuais do Brasil. Essa não é uma afirmação feita com o intuito chocar ou sugerir a imagem do “lobo solitário”. É apenas um fato. Sua valorização, positiva ou negativa, fica por conta do leitor. De qualquer modo, acho que a melhor forma de definir minha poética é usando a palavra resgate. Resgate de um lirismo já esquecido, de formas arcaicas e de imagens perdidas. Assim, muita gente viu em “Lentus in umbra” ecos do expressionismo de Trakl, imagens do cancionero de Lorca, matizes do “Cântico dos cânticos”, sonoridades medievalizantes e traços surrealistas. O que tento fazer é, antes de tudo, mostrar que a nossa sensibilidade não foi encontrada em uma garrafa mágica. Ao contrário: é o resultado de fatores sociais e individuais. O *modus* lírico-poético ocidental foi desenvolvido, a duras penas, e hoje o que os poetas fazem, infelizmente, é renegar a herança, adotando uma postura pseudo-intelectual ou meramente contestatória, sem qualquer base séria. Os poetas de hoje se dão ao luxo de não ler Dante, Cavalcanti, Petrarca, Leopardi, Shakespeare, os provençais, Villon e Goethe, para citar apenas alguns exemplos. Querem começar do nada. Ora, *ex nihil, nihil*. Do nada, o nada. Não quero, note bem, repetir o que Catulo, Virgílio, Arnaut ou Drummond disseram, mas localizar as minhas peças dentro desse mosaico. Minhas peças, é claro, são feitas com vistas a uma dicção contemporânea, mas que dialoga com o passado, tentando construir a beleza que, longe de ser atemporal, pretenda ser uma resposta às nossas – às minhas, especificamente – angústias. Assim, é uma poesia de dificuldades a que pratico. Dificuldade para mim, que corro o inevitável risco de ser apagado no torvelinho da tradição. E dificuldade para o leitor, que deve se entregar ao poema de forma total para compreendê-lo.

2. Como a sua poesia pode afetar a realidade?

Essa é uma questão muito ampla, e diz respeito à função da arte. A arte tem alguma serventia? Os socialistas achavam que o fenômeno artístico deveria guiar o povo rumo à sociedade perfeita. As consequências dessa postura são óbvias e trágicas. É fora de dúvida, entretanto, que a arte, mais do que afetar, espelha a realidade. Por isso a nossa, do final do século XX e início do XXI, é tão medíocre, perdida, autodestrutiva. É, infelizmente, inegável a existência de uma associação mais ou menos subterrânea entre arte e ideologia. Octavio Paz disse que o poeta, na maioria das vezes, expressa a vontade de mudança da sociedade em suas obras. Pound refere-se ao mesmo como “antena da raça” E o que dizer do vate, o poeta público, o poeta oficial da Roma dourada de Augusto, que agregava em sua obra todos os valores imanentes ao seu momento histórico especial, como o Virgílio da “Eneida”? Na minha opinião, a função da arte existe, mas não comporta a construção de um

discurso legitimador ou puramente crítico da realidade, no qual estejam ausentes os elementos especificamente sensíveis e estéticos. Deixa de ser arte e vira política. É claro que não desconheço a importância da verdadeira poesia social, mas a melhor porção dela parte do indivíduo e se concentra nele, com espaço para o lirismo e a criação, como, por exemplo, em Juan Gelman e Rosalía de Castro, dois autores que traduzo continuamente. O que não se pode admitir é que a arte sirva a intentos ideológicos e se desmaterialize no sem-sentido convulsivo das “massas iluminadas”, prontas para salvar o mundo com seus poemas dedicados às mães ou à beleza da vida nos campos. Hans Kelsen, um autor importante para os estudiosos do Direito, dizia que a ciência deveria servir unicamente à verdade, e não ao poder. Concordo com ele e completo: a arte deve servir à beleza, nunca ao poder, pois é a única forma da qual dispomos para enfrentar o vazio, o abismo terrível da existência (Nietzsche). Há uma frase de Freud que eu gosto muito e gostaria de citar agora, já que é apropriada à presente discussão: *‘Todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo’*. Para mim, a arte – a poesia, é claro – pode nos ajudar a encontrar uma forma específica de salvação. Salvação para nós, indivíduos. O mundo não pode – e não quer – ser salvo. É muita pretensão querer impor qualquer coisa a ele, esse senhor tão rabugento e indiferente.

3. Pra que serve a poesia?

Acho que já respondi essa pergunta acima, mas serei menos sutil agora. A poesia não serve para absolutamente nada. É o puro *otio*, que se opõe à negação do ócio, o negócio (*negotio*). Alguns modernosos dizem que “descobriram” o segredo da felicidade. É o tal do ócio criativo, que agora está patenteado e é vendido nas livrarias para nossa sociedade desesperada. Bobagem. A idéia é antiga e já era muito bem conhecida na Grécia e em Roma. Basta ler as “Bucólicas” de Virgílio e as odes de Horácio ou Anacreonte para notar como essa gente antiqüíssima e inteligente sabia valorizar uma boa preguiça. Mas existem outras respostas para a pergunta: a poesia serve, e assim pensa a maioria, para que vejamos nossos nomes em letras de imprensa. Para que quando formos às livrarias topemos com nossas obras, ao lado de outras mais ou menos desconhecidas. Isso é o Ernesto Sábato quem diz. Concordo plenamente. Apenas alguns poucos escrevem porque, simplesmente, não podem fazer outra coisa. Espero estar entre eles, não sei ainda. Na verdade, os poetas são uns chatos. Nosso ego sofre uma espécie de super-desenvolvimento e acabamos nos tornando muito vaidosos. Escrever, você sabe, é o ato mais orgulhoso de um ser humano. Compara-se a Deus, nomeando e renomeando o mundo. E nomear é criar, todos sabemos. O Dezsö Kosztolányi tem o melhor texto sobre o arquétipo do poeta que conheço: *“Os poetas que esmolam de todos, até dos mendigos, só uma pequena chamada, só um pouco de carinho, só esmolam uma estatuazinha na esquina, a esmola da imortalidade dos mortais, esses cabeças-de-vento, invejosos, pálidos masturbadores, que venderiam sua alma por uma rima, por uma indicação, que expõem no mercado seus segredos mais íntimos, que tiram vantagem até da morte de pais, mães, filhos, e mais tarde, anos passados, ‘numa noite de inspiração’, quebram suas tumbas, abrem seus caixões, e com a lanterna de gatunos da vaidade pesquisam ‘emoções’, como ladrões de tumbas procuram dentes de ouro e jóias, depois confessam e se arrependem, esses necrófilos, esses feirantes”*. Continuemos com as funções da poesia: ela serve para criar inimizades, especialmente no cenário prosaico e filisteu da “cultura brasileira”. Serve para que o poeta

seja mal visto por seus pares invejosos e tido como um estúpido por grande parte da comunidade. Mas serve também, e esse é o lado bom, para fazer uns poucos bons amigos e conhecer melhor obras que valem a pena. Serve, igualmente, para se gastar muito dinheiro e não ter nada em troca, o que, é evidente, é normal. Aquele que escreve não deve esperar recompensa. Se for honesto, obterá satisfação pessoal, o que, ao meu ver, já é muito em um mundo no qual as pessoas cometem suicídios coletivos na busca de um outro melhor. Ah, quase me esqueço: a poesia serve para cantar – tome o termo no sentido medieval – as mulheres. Nada melhor do que um bom poema para falar o que não se pode sequer pensar. É claro que a *domna* precisa ter sensibilidade. Mas infelizmente não estamos mais na Provença medieval. E penso que sou um pouco antiquado nesse assunto...

4. Você se considera um poeta de invenção?

O que é invenção? É fazer algo totalmente novo, partindo do nada? Fazer literalmente como o Deus unipessoal cristão e criar tudo pela força da palavra? Se for isso, não sou inventor. Mas se invenção significar uma não acomodação com os modelos vigentes e uma busca por um tom cada vez mais apurado, pode-se dizer que sou um poeta de invenção. *In principio erat uerbum*, isto é, não se pode caminhar sem olhar para trás, buscar interiorizar o percurso desse *uerbum*, que é histórico. Se o poeta não toma cuidado, corre o risco de cometer os mesmos erros que outros já cometeram. Ou então, o que é pior, assume uma postura de “colonizador de novas terras”, alardeando que descobriu o fogo. Ora, nós já temos luz elétrica, não precisamos do fogo do Sr. poeta inventor. Ele que fique com suas labaredas e leia mais. Sou inventor no sentido de não me curvar às estéticas, aos dogmas e aos clubinhos restritos e restritivos. Tento criar o que me agrada. O que eu julgo que é belo. Não me importa se a crítica vai gostar. Uma coisa que se deve entender – agora serei chacinado – é que a missão da crítica não é substituir o poema, não é explicar o poeta e seu caminho, suas taras, acertos e erros. A crítica é suplementar ao poema, não substitutiva. Há autores que escrevem para os críticos. Eu não. Talvez por isso eles não se importem muito comigo. É claro que é sempre bom ver um trabalho exegético bem feito sobre sua obra, não minto, é algo que me enche de prazer e gosto. Mas não é o que me move a escrever. As razões são outras. Assino embaixo do dito do poeta galego Claudio Rodríguez Fer: “*A miña poética son eu*”.

5. Qual a importância da poesia concreta para a sua formação?

Muito pequena, apesar de respeitá-la e entendê-la como um momento legítimo de nosso desenvolvimento poético e cultural. Minha formação é predominantemente clássica. Acho que só os poetas que viveram aqueles anos tumultuados foram decisivamente influenciados. O que se vê hoje são alguns rebentos tardios, a maior parte deles extremamente fraca e que não faz jus aos “patriarcas”. Creio que sua pergunta deriva muito da leitura de “OS enCANTOS”, obra na qual as noções de forma e sonoridade são importantes, basilares mesmo. Mas não foram os concretos que descobriram o poder de ambos os atributos. Esse meu terceiro livro é um diálogo com duas grandes tradições poéticas medievais: a galaico-portuguesa e a provençal. Ambas, principalmente a primeira, são altamente formalistas. Os paralelismos, as repetições, os truques fônicos, tudo isso caracterizou a grande poesia do

medieval. É algo que tento recuperar, re-experimentar, revisar. Veja o poema abaixo. Note como as rimas são simples, as idéias amarradas e a forma bem tecida. Repetições e paralelismos: formalismo:

*Quantas sabedes amar amigo
treides comig'a lo mar de Vigo.
¡E bannarnos emos nas ondas!*

*Quantas sabedes d'amar amado
treides migo a lo mar levado.
¡E bannarnos emos nas ondas!*

*Treides comig'a lo mar de Vigo
e veerémo -lo meu amigo.
¡E bannarnos emos nas ondas!*

*Treides migo a lo mar levado
e veerémo -lo meu amado.
¡E bannarnos emos nas ondas!*

Não se trata de uma peça d'um concretista, mas de Martín Codax, *xogral* galego ativo no século XIII. O formalismo de “OS enCANTOS” paga tributo ao medieval, não ao concretismo. O interessante é que os próprios concretos sabem valorizar a poesia medieval, diferente de certas correntes tradicionalistas da poesia brasileira, que desconhecem-na olímpicamente. Basta fazer referência ao maravilhoso trabalho de Augusto de Campos com a poesia provençal para provar a afirmação anterior. A aproximação de alguns poetas concretistas da poesia medieval, notadamente a provençal, gerou um equívoco interpretativo grave: associar medievalismo com concretismo por meio de um vínculo de necessidade. Nada mais errôneo. Uma postura como essa só pode ser resultado de falta de estudo. É engraçado: se um poeta cita Arnaut Daniel, Marcabru ou Bernard de Ventadour, é logo estigmatizado: “cria suja dos concretos!”. Assim, muitos se reprimem, pois não querem sentir no lombo o chicote da crítica, que hoje é francamente hostil ao concretismo. Não discuto os motivos dessa hostilidade, mas sei que não deixarei que me censurem. Se quero falar de Provença, falarei. E que me classifiquem. É muito servilismo baixar à cabeça e deixar de gestar, livremente, o poema. A poesia provençal, assim como a galaico-portuguesa, é um patrimônio da humanidade, e não pode ser esquecida ou desvalorizada. O próprio Dante, na *Divina Commedia* faz referência aos trovadores provençais. Ora, talvez Dante seja um concretista! Absurdo. Outra característica de “OS enCANTOS” que consideram ultrapassada, coisa de concreto, são as citações em línguas estrangeiras, a maioria delas bastante restrita (latim, provençal e galego). Mais uma vez reivindico minha liberdade de falar *delor* no lugar de dor, e *anxeles* no lugar de anjos, onde e quando eu bem entender. Se o texto se torna mais difícil – o que não é verdade, pois as línguas são todas irmãs – é um problema de comunicação com o leitor que deve ser resolvido no âmbito de uma tradição cultural. Quem lê “OS enCANTOS” não pode ler apenas os poemas de Andityas Soares de Moura, mas toda a gama de inter-textos que conformaram o livro. É uma forma de democratizar a sensibilidade e o conhecimento. Se gosto de poesia galega, quero que todos meus leitores gostem, ou, pelo menos, a conheçam.

É muito melhor do que ficar fazendo poesia sobre a violência urbana, o problema das drogas ou o desmatamento na Amazônia. Isso eu já conheço de sobra. Os jornais trazem todos os detalhes que precisamos saber sobre o trivial. Mas sentir a língua roçar nas palavras d'um Ventadour (*tant ai mo cor ple de joya/ tot me desnatura*) e tentar captar o sentido para além do texto, participando de uma comunidade espiritual intertemporal é algo que só o poema pode garantir. E aí localizo um elemento que não há no concretismo e que, ao contrário, é a base fundamental de "OS enCANTOS": o resgate do lirismo galaico-português e provençal. A revisão do *falar d'amor* e das situações-limite da vida humana. Não exploro só a forma. Tenho conteúdo. Se os leitores gostam ou desgostam, não é da minha conta. Meu conselho em poesia: não se preocupe em entender. Isso sempre foi o menos importante. É só a beleza que conta. Eu vejo beleza n'um poema bem amarrado, com imagens estimulantes e palavras escolhidas com gosto, ainda que não entenda nada da duvidosa mensagem que a peça tenha. Não abro mão da liberdade no verso. Não serei guiado, conduzido. Nem quero conduzir.

6. O que este seu livro tem que os dois anteriores não têm?

Ousadas. O primeiro livro, "Ofuscações", é muito ruim. Lendo-o hoje, com autocritica, vejo que apenas um ou dois poemas seus valem a pena. Eu tinha apenas 18 anos na época e não era nenhum Rimbaud. O segundo livro, diferentemente, foi criado em um ambiente bem mais maduro. Nele há uma unidade orgânica que sempre surpreende os leitores, para minha alegria. A idéia de contraponto bachiano aplicada aos versos e a temática são outros dois traços que o diferenciam de grande parte da meta-poesia que hoje é endeusada no Brasil. Não falo do poema. Falo com o poema. "Lentus in umbra" é uma obra que caminha com as próprias pernas, mas caminha sozinha. Não saberia como classificar o livro. Essa característica de "inclassificabilidade" também está presente em "OS enCANTOS", como bem nota o professor italiano Angelo Manitta n'uma das introduções da obra : *'O primeiro problema que um crítico se põe ao ler o poemário OS enCANTOS de Andityas Soares de Moura, como também o anterior Lentus in umbra, é aquele referente à localização do mesmo no âmbito da poesia contemporânea brasileira, se é de vanguarda ou de pós-vanguarda, ou talvez seja um texto que se volta para temas e tonalidades tradicionais.'* Mas tentando responder a pergunta, acho que esse terceiro livro é mais adulto, no sentido de que tem consciência de sua singularidade no panorama poético nacional. Aceito o isolamento que eu mesmo me impus. Assim, "OS enCANTOS" não faz concessões e envereda por uma temática que, como venho dizendo, é esquecida na poesia brasileira atual e "de vanguarda": o lirismo aberto e atuante. Mas não é um lirismo fácil, pois a forma está lá, a todo momento, catalizando a expressão poética, dirigindo o olhar do leitor e traçando a unidade rítmica e rítmica da peça. "Lentus in umbra" é uma fuga com variações, é uma história contada de diferentes pontos de vista. Gosto de compará-lo às "Variações Goldberg", de Bach, interpretadas por Glenn Gould, *por supuesto*. Há uma definição acerca de "Lentus in umbra" dada pelo crítico espanhol Ramón G. Avello em uma resenha bastante lúcida. Para ele, o livro é *'una casi inadvertida y hermética historia de amor que impregna con la claridad contrapuntística entre luces y sombras, un único y continuo cántico que habla de amor, de lo efímero de la felicidad, del tiempo incesante que no se detiene, y de esas cosas que van y que vuelven, permaneciendo en su inalterable esencialidad.'* Acho que ele acertou. Mas "OS enCANTOS" lembra mais uma suíte ou um

dos últimos quartetos de cordas de Beethoven (talvez o opus 132, interpretado pelo quarteto Alban Berg, ou a quinta suíte para violoncelo-solo, de Bach, tocada por Pau Casals), pelo grande poder de variação e recriação de estruturas. A obra tem um discurso que pode parecer fragmentário, mas que logo é recomposto na mente do leitor, se ele se abrir e aceitar o contato com outras tradições poéticas que não a canônica, que provavelmente conhece. Não tenho medo de falar que “OS enCANTOS” não é uma obra fácil. Alguns dizem que é concretismo requentado. Outros, que não passa de poesia marginal mais requintada. Muitos se concentram apenas no erotismo presente no livro, que, diferentemente do de “Lentus in umbra” não é velado, mas claro e perceptível. Exagerando a interpretação anterior, até já disseram que se trata, na verdade, de poesia pornográfica, o que não deixa de me honrar um pouco, colocando-me ao lado de mestres como Aretino e Ronsard. Na verdade, “OS enCANTOS” é um longo passeio. No entanto, não sei para onde ele se dirige. Cada leitor chega a uma praia, a uma montanha diversa. Pois bem, isso prova que a obra não se encaixa facilmente nos cânones dogmáticos. E agora posso falar das ousadias: 1º-) formais, pois cada poema é uma unidade construída artificialmente tendo em vista a eficácia da transmissão da imagem poética; 2º-) temáticas, porque o tema do amor, ao mesmo tempo em que se transfigura no ideal perfeito das cortes medievais, apresenta também um matiz puramente carnal, no que descamba, em alguns momentos, para o mais descarado porno-erotismo; 3º-) lingüísticas, pois a utilização de palavras e expressões chulas ao lado de termos tidos como poéticos é um procedimento comum no livro, que, além disso, conta com farto repositório fônico de termos latinos, galegos, provençais e regionais brasileiros. A última ousadia de “OS enCANTOS” – e essa é a que mais gosto – é não se render à poesia auto-bajulatória, sentimentalóide e intelectualista pura que é praticada hoje nessa terra brasileira. Tenho minha mitologia pessoal, bem rica e estranha. Isso não é intelectualismo. Por duas razões: não é uma mitologia fechada, está aberta a qualquer um que queira dela participar e, além disso, não a imponho ao leitor. Ele pode ler muito bem o livro sem conhecer a minha visão de mundo. E criar, dessa forma, a sua sensibilidade.

7. Como é ser professor de Direito da UFMG? O que tem de poético?

Essa é uma pergunta que envolve um certo preconceito. Vê-se o profissional do Direito como um sujeito sem ética, que prioriza os meios para alcançar certos fins destituídos de qualquer significação moral. Tal imagem, por mais tentadora que seja, não corresponde à realidade. Maus profissionais existem em qualquer campo. Eu ensino Direito, e não direito. Isso significa que o Direito é uma ciência, uma das mais nobres, já contando com mais de 2000 anos de história. Certamente é a ciência humana que primeiro se formou. Sou professor de Filosofia do Direito, o que me permite enxergar a evolução dessa disciplina de um ponto de vista total, tendo em vista a evolução do conceito e da idéia de justiça no Ocidente. Tal pode ser bastante útil na feitura de um poema, já que a Filosofia do Direito tem um campo de atuação bastante amplo. Um dos poemas de “Lentus in umbra” que julgo mais bem realizado foi feito com base na idéia de transcendental que conforma a obra de Santo Tomás de Aquino. No poema “Tomás de Aquino” associei essa idéia a pulsões eróticas especiais. A peça está logo abaixo, entre as dez que selecionei conforme o solicitado. Em outro poema, desta vez de “OS enCANTOS”, há uma conversa entre Abelardo e Heloísa na qual se ouvem vários ecos, a maioria deles pornográficos. Mas há

também a voz de Santo Agostinho – que ascendeu aos céus da Filosofia e da meditação divina após uma vida de degeneração e pecado, como ele mesmo narra no maravilhoso “As confissões” – fazendo um contraponto com o transe erótico de Heloísa. A fala de Agostinho transporta-nos para mais além do puramente carnal, atingindo a situação social absurda que, vitimando os amantes, castrou Abelardo e enclausurou Heloísa. Assim, cito o trecho de Santo Agostinho: “*A vida é impossível sem justiça. E ainda que fosse possível, não valeria a pena ser vivida*”. É uma forma de criar – artificialmente, pois esses personagens não são, é óbvio, contemporâneos – um diálogo no seio da própria tradição. Minha vivência na Filosofia do Direito ajuda bastante nessas empreitadas malucas. Outra coisa boa das aulas é o afastamento de uma visão monolítica da vida. Grande parte dos poetas vive em sua torre de marfim, esquecendo-se da realidade, julgando que o poema que acabou de fazer é a mais bela jóia do tesouro da humanidade. Imputo tais posturas ao isolamento tétrico no qual essa gente vive, sem participar do mundo, sem admitir que existem outras artes, outras ciências e outros interesses que não os seus. Além disso, é engraçado fazer uma poesia que algumas pessoas têm apreciado e não ser, como se diz, poeta profissional. Hoje em dia, é *conditio sine qua non* ter mestrado ou doutorado em Letras para se afirmar como “poeta de invenção”. Sem os dotes universitários e a chancela de um aprendizado formal, o escritor é visto de uma maneira desconfiada por seus confrades. Agora, eu pergunto: quantos grandes poetas frequentaram cursos universitários específicos? Drummond, o maior – ou um dos maiores, para não ofender sensibilidades alheias – cursou Farmácia e viveu toda a sua vida como um modesto funcionário público do Estado de Minas Gerais. Hoje – alguém já disse isso, mas não me lembro quem –, não se vê o poeta-engenheiro, o poeta-médico, o poeta-advogado, o poeta-qualquer-coisa-que-não-seja-relacionado-ao-curso-de-Letras. Essa especialização acaba tornando a poesia muito limitada e restritiva. As Universidades podam, impõem um cânone e definem uma estética. É com essa aparelhagem teórica que a maioria dos poetas-especialistas trabalha. Claro, existem honrosas exceções, mas muitos poetas formados e/ou pós-graduados em Letras têm uma tendência – bastante autoritária, diga-se de passagem – de deslegitimar ou desvalorizar o discurso e a obra dos colegas que não passaram pelos bancos universitários e preferiram construir, sozinhos, e correndo todos os riscos do empreendimento, suas imagéticas e linguagens poéticas. Não me entendam mal. Aqui não há nenhum ataque aos poetas que resolveram cursar Letras para, talvez, obter uma formação mais metódica, coerente e total. Minha crítica se dirige àqueles que acham que a Faculdade vai lhes dar o poema. É bem sabido que as Faculdades de Letras podem teorizar sobre o poema, podem desconstruí-lo, podem analisá-lo etc. Mas não podem, isso é certo, fazê-lo. Assim sendo, julgo bastante salutar o trabalho em um curso de Direito, com a ajuda do qual posso pensar e ver o mundo de uma forma diversa e complementar.

8. Como é misturar linguagens poéticas num mesmo poema? É pós-moderno?

De modo algum. É uma necessidade especial de minha obra. Gosto de chocar o leitor, de mostrar as raízes, de fazê-lo pensar no som, na estética da palavra. Quando escrevo, por exemplo, *arancia* no lugar de *laranja*, é para que o leitor se assuste e pense, sinta a palavra. Se ele lê simplesmente *laranja*, é bem possível que apenas decodifique o texto, pois todo mundo fala de laranjas. Mas se se dá de cara com um vocábulo estranho, raro, a mente começa a pensar. A sensibilidade tem um papel importante nesse ato de conhecimento

poético, que será completado pela emoção, nossa terceira forma de conhecer a realidade, segundo o filósofo Max Scheler. Deve-se notar também que o uso de expressões estrangeiras não é um procedimento novo na poesia ocidental. Já era bastante comum na poesia latina. Catulo é um bom exemplo. Ele adorava ironizar os poderosos que utilizavam palavras pomposas, importadas da Grécia. Catulo retratava-lhes a fala intelectualóide em poemas ferinos. Para tanto, o poeta reproduzia aqueles discursos vazios do modo como eram feitos: cheios de expressões estrangeiras. Alguns epigramas de Catulo não seriam tão deliciosos se não contassem com esse recurso. Penso que hoje em dia o poeta não deve abrir mão das possibilidades – não unicamente irônicas, por certo – que se lhe oferecem: a utilização não apenas de termos estrangeiros mas, como você bem notou, de linguagens poéticas diversas parece-me algo essencial. Com esses elementos pode-se montar um mosaico ou um quebra-cabeças insolúvel. Dependerá da habilidade do poeta. Tudo isso para mim representa a face formalística do poema. Formalmente, ele pode (deve) ser o múltiplo. Creio que a unidade será obtida por força do que chamo de poética pessoal, ou seja, a realidade que o autor elege como sua especificidade. O *modus* e o *tonus* devem sempre variar, pois do contrário, estaríamos escrevendo continuamente o mesmo poema, como Sísifo e sua pedra. O que se mantém – não para sempre, é claro, mas enquanto puder ser explorado, enquanto o poeta quiser explorar – é a matéria. No meu caso pessoal, trato do amor. Do amor dos latinos. Do amor melancólico, que se sabe humano, mas aspira a algo mais. Enxergo esse “algo mais”, indizível, no verso 69 da décima égloga das “Bucólicas” de Virgílio, que serviu de portada para meu “Lentus in umbra”: “*Omnia uincit Amor: et nos cedamus Amori.*” O amor tudo vence, e nós sucumbimos ao amor. Julgo ser essa matéria infinita. Explorá-la em todos os níveis é a missão poética que escolhi. E vivenciar tudo isso. Do amor às palavras ao amor à mulher, n’uma espiral constante. É esse lirismo que impede que minha poesia caia no intelectualismo frio, que cita termos estrangeiros e se apropria de linguagens poéticas tradicionais unicamente para se vangloriar. Isso é pós-moderno, no pior sentido da expressão. É a forma neutralizada e neutralizante, sem conteúdo, tão malsã como seu irmão, o conteúdo sem forma. De um lado, o puro lance de dados, sem jogadores. De outro, os poemas que as vovós faziam na roça, aos 9 anos (e que fazem até hoje, chamando tais escritos de “poesias”...) Nenhuma das duas opções me agrada. É só com forma e conteúdo que se faz arte. Entretanto, admito que pratico uma poesia perigosa, que corre o risco de se tornar pouco inteligível. Mas o entendimento e a participação dependem muito mais do leitor do que de mim. Assim, meu tradutor espanhol, o poeta e professor Francisco Álvarez Velasco, notou com agudeza na introdução espanhola de “Lentus in umbra” que: “*Andityas Soares de Moura, por otra parte, no le pone las cosas fáciles al lector; reclama un lector exigente y activo, que no se conforme con una primera lectura y que sea capaz de re-crear el discurso recibido. Y no se dirige, a pesar de lo dicho, a un lector erudito, sino «vivo», del siglo XXI, que quiera apartarse de los vacíos de la postmodernidad. [...] Estos poemas debieran leerse con los cinco sentidos. [...] Los poemas adquieren plasticidad visual en su misma disposición gráfica en la página, mediante las transgresiones de la norma en las marcas de la puntuación para reflejar fielmente la «respiración» del poema, la ausencia del artículo en ocasiones, con la que parece buscar el sentido prístino de la palabra, como si se estuviera bautizando por vez primera las realidades del mundo*”. N’outra linha de raciocínio, o poeta mineiro Edimilson de Almeida Pereira chega a conclusão similar: “[...] a passagem por esta obra de Andityas Soares de Moura [‘Lentus in umbra’] se destila como uma experiência agônica. Passagem que, longe de nos acenar com o fim do túnel, se estende como o

percurso mesmo do ser humano. Entre naufrágios e salvamentos nos fazemos, fazendo o que chamamos de História. O poeta enveredou por essa passagem, confundindo-se às vezes com ela. A linguagem resultante de seu trabalho reflete a complexidade do objeto que admira e por ser emendada pelas tensões pode vir a ser uma máscara de oxigênio ou um quarto sufocante. O risco está à frente e para o poeta que se pretende humano (capaz de ‘dosar as volúpias’ – Mulier e ainda assim ‘abraçar o abismo’- Chanson) não há como se desviar desse caminho”. Por fim, quero lembrar uma trecho escrito pelo poeta galego Xosé Lois García, que me fez uma das introduções de “OS enCANTOS”, pois ele compreendeu bem o problema da convivência de variadas linguagens poéticas na obra: *“Andityas non é un imitador nin un plaxiador é mesmo o poeta do novo milenio que pon os acentos no pasado para reconstruír o futuro. É o poeta que tece a memoria e a entidade histórica con poesía. Para Andityas, a poesía é ese gran milagre de redención e emoción que nos queda aos humanos para liberarnos”.* Acho que é isso. Citei os trechos acima porque não me sinto à vontade para me julgar. Quem quiser que o faça. Meu trabalho é escrever o poema, não justificar se é pós-moderno ou qualquer outra coisa. Isso é com vocês. Mas já aviso: encaixar-me em modelos pré-concebidos é complicado. Cada livro será diferente, como são os três já publicados e os outros dois que tenho no forno, aguardando (eternamente?) editora: “FOMEFORTE” e “Cantarell de blancors” (esse último título não é definitivo... estou pensando ainda.).

9. Qual o panorama você pode traçar da poesia brasileira hoje?

Tristonho. Temos boas correntes e escolas. Não temos bons poetas. Pegue qualquer antologia, dessas mais chiques, e risque com caneta o nome dos autores. Vai parecer que o livro todo pertence a um único poeta. Seja mais brincalhão e risque, além dos nomes, os títulos e quaisquer outras marcas de separação entre as peças. Pronto, você terá um enorme poema, organicamente conectado! A poesia brasileira anda muito covarde, sem coragem de dizer o que quer, com medo de participar do resto do mundo. Os poetas se recolhem a nichos específicos e se preparam para a guerra. Há muito rancor e sorrisos falsos. As recentes polêmicas demonstram a que nível descemos. Não defendo nenhum lado, mas acho que hoje se exagerara no tom dos constantes ataques e contra-ataques. Poucos são lúcidos o suficiente para entender a situação sem paixões pessoais. Há de haver uma certa irmandade entre os poetas – somos tão poucos, e, afinal, só os poetas atualmente lêem poesia – que impeça esse show de horrores que se desenvolve no Brasil. Uma avidez, uma vaidade sem limites, um desdém, enfim, uma completa indiferença por tudo aquilo que não gire em torno do próprio umbigo. E há também esse escuro domínio de São Paulo e Rio de Janeiro que certamente não vai acabar tão cedo. Tudo que está na moda se localiza nessas cidades, onde os papas da poesia residem e ditam normas para os poetas da província. Os poetas de outros Estados, com obras muitas vezes excepcionais, que fogem dessa urbanidade selvagem dos nossos grandes núcleos, são discriminados e silenciados por mordanças invisíveis: o mercado editorial, o patrulhamento ideológico, a mistificação e a imposição de um certo cânone obrigatório etc. Já é hora de resistir com efetividade. De falar de poesia e de idéias, e não de nomes. De discutir forma e conteúdo, e não fama ou desafeto. Os poetas precisam abandonar suas fraldas. Precisam crescer e entender que não são algo excepcional e que seu trabalho, como eu já disse acima, não têm qualquer relevância metafísica. Creio que desde Drummond, João Cabral, Manuel Bandeira e Cecília

a poesia brasileira decaiu muito. Foi se isolando. Por que? Por que quis? Não necessariamente. A sociedade tornou-se mais bruta e inapta. Diz-se muito que hoje ninguém mais lê poesia e que, por exemplo, Drummond era lido por todos no passado. É verdade, mas a culpa não é só dos poetas, mas de toda a sociedade, que vive uma crise de valores. Não é papel do poeta resgatá-la – a poesia não serve para nada, lembra? – mas isso não significa que ele não possa colaborar com a comunidade, elevando seu nível estético, humano e sensível. Entretanto, as pessoas precisam querer isso. Não se pode usar a força. E aí é que está o nó do problema. Além disso, uma poesia masturbatória como a dominante jamais fará diferença. Falta-nos um *condottiere*, como queria o Mário Faustino. Falta-nos, a nós, poetas, um norte a seguir. É por isso que sugiro: sejam honestos. O resto vem naturalmente.

10. Você é um poeta inspirado ou construtor?

Inspiração é balela. Rilke dizia que fez seus “Sonetos a Orfeu” em poucas noites, nas quais foi presa de uma inspiração sobrenatural. Temos também os transe poéticos de Rimbaud e Hölderlin. É claro que podemos imputar a “inspiração” deles ao absinto que o segundo mamava aos litros e à compleição mental anormal do primeiro e do terceiro. Mas mesmo assim os três são grandiosos. A poesia deve ser um exercício de lucidez, uma construção na qual o aleatório tem um importante papel, mas não dita todas as regras. É uma pesquisa na sensibilidade que não pode se transformar numa sessão de psicanálise, sob pena da poesia ser tida como a mais nova forma de curar malucos. A poesia é uma atividade de rigor. Não significa que se necessita burilar um verso para que nasça um alexandrino perfeito. Não é nada disso. É, antes de tudo, uma questão de honestidade. Por que escrever um poema? Ah, porque tenho sentimentos tão belos, porque estou sofrendo tanto com o sumiço do meu cachorrinho Rex etc. Não. O poema não se presta à inspiração, a não ser que essa seja garantida e filtrada pelo trabalho. Poesia é *labor limae*. O grande jogo é a equalização – a tentativa de equilíbrio – entre razão e sensibilidade. Isso é maravilhoso. Ler um poema bem construído é estimulante. E construir bem o poema é uma forma de respeitar o leitor, tratá-lo como igual, não subestimar sua capacidade de mergulhar em si mesmo, na tradição e na própria obra do poeta que se está lendo. Eis mais uma postura minha que não encontra guarida na poesia brasileira atual, “tão inspirada”. Drummond e Cabral não eram inspirados. Nem Fernando Pessoa. Nem seus heterônimos, embora possa parecer estanho essa minha afirmação. Poesia se faz no limite da extrema clarividência. E no fim isso significa emoção. No fundo, ser construtor ou inspirado não importa. O que conta é ser honesto com aquilo que você acredita. Veja se o poema funciona, como diz Pound. Do contrário, jogue-o no lixo. Fruto de construção ou inspiração, se não funciona, é falso.

11. Tem algum mote que o acompanhe pela vida?

Muitos. Adoro essas esquisitices. Seria difícil selecionar um só. Mas um que sempre me acompanhou, e, apesar de meio megalomaniaco, diz muito, é uma frase de Beethoven: “*Jamais rastejarei. Meu mundo é o universo!*” Bem forte, não é mesmo?

12. Para quem daria um Nobel de literatura?

A uma fundação que usaria esses milhões (são milhões, não são? Um milhão já seria o bastante.) para publicar belos livros de autores desconhecidos e que têm propostas novas, distantes do trivialismo monótono. Eles existem. São poucos, estão aí, calados, censurados pelos poderosos chefões do mercado editorial, que só publicam o vendável e – o que é quase o mesmo – o mais fedorento lixo. Esses novos livros seriam distribuídos gratuitamente. Poesia não se vende. Comparte-se. Aliás, livro não poderia ser vendido. Não se poderia ganhar dinheiro com isso. Escrever um livro, um livro de verdade, é um ato de amizade nesse mundo louco no qual nos esquecemos o significado da palavra *courtesy*.

10 poemas selecionados pelo autor

De “**Lentus in umbra**” (2001 – Brasil, 2002 – Espanha)

PAX ROMANA

Tu, deitada no templo, decifrando as
escuras pilastras da casa, ouve
minhas palavras metálicas. Ainda
hoje saborearei teu corpo, quer
m’ofereças, quer não. Jasmins
tenho em minha carroça para
impressionar teus gostos arrojados.
Serei um afável salteador, roubando-te
as mais pecaminosas
excitações cerebrais. Ainda hoje tu
te deitarás comigo no prado.
Afastemo-nos da cidade. Então
apresentar-te-ei vários elixires, temperos
raríssimos.

Os milênios serão nossos confessores.

NO EQUINÓCIO QUANDO OS MONTES

anunciam o ardor leve
e calmo
dum Passo distante

Faca
Prata de orvalho
dentro do matagal

Os simplórios aldeões
constroem seus próprios
bustos com rabanetes
cenouras
e melancias

Meu sono às 06:30 da manhã
recusa-se a acreditar em um mundo
fraterno
peço desculpas aos homicidas
planejo loucas escapadas carregando
sangue nos bolsos

Sucumbe, coração

Os cavalos correm
na noite sem fim
areia e mata
os cascos são como pedras de gelo

límpida sensação de desmaio
coletivo
mãos imaginárias
lavam a consciência do dia

e mais
rápido
padece,
coração

II – EPIGRAMMATA

Sempre pareceu-me evidente
que minha casa só existiria
à noite. Mesmo assim, todas
as alcovas se abriam para
uma olhadela fatal. O porquê
das serpentes. Poeira e água
misturavam-se naquele dia,
enquanto a razão cedia
alegremente à insofismável
sensualidade, ao desejo
do coito superior ...

ainda assim,
persiste a

os
cavalos
correm

na
noite
sem
fim

areia e
mata

idéia das espigas douradas
dentro da ventania fria
(eia ! esta rutilância, este constante
dar de ombros – esta aventura !)

os cascos
são
como
pedras
de
gelo,

NÉCTAR

Letárgico,
sustento a iguaria doce
em torno dos joelhos :
assustados ? desencarnados ?

Sur les champs
ainda agora, sem qualquer
inocência ou pudor

as águas celestiais !
bem me lembro
que corriam negras
das bocas de anjos

as ora, por este apelo
eu esquecerei as dívidas
que o sangue nos impõe
a cada rebelião

águas celestiais Sueño, sueño verdadeiro como
comer pedaços de frutas
misturadas

! : e saber exatamente
qual é a

manga – abdomen
qual é a cereja lábios
e qual

nada digo do :
morango olhos fechados

TOMÁS DE AQUINO

toda prece
verdadeira termina
em um gozo inacessível
de

magnólias

torturar os gostos
séculos a fio

até que saibas
lamber com
a língua

– laranjas nos laranjais

: o prazer
do dia
que se acaba

MINHA MONÇÃO

Águas que
correm
para onde os tigres
estão

bem longe,
a chuva
na noite

aqui,
bolhas
brincam com as algas

as pequeninas filhas
seguem as mulheres na busca
incestuosa de
cometas

inatingíveis.

cães e gatos
nos lembram
que a ternura é pouco mais
que um beijo antes
de dormir

De “OS enCANTOS” (Brasil – 2003)

AVE LEVE

PRATA brilha branco
ouro brilha amarelo

branco brilha prata
amarelo brilha outono

prata brilha branco
outono brilha olor
branco brilha prata
olor brilha odor

prata brilha branco
odor brilha calor
branco brilha prata
calor brilha candor

prata brilha branco
candor brilha flor
branco brilha prata
flor brilha sabor

: não rimar amor com doR

LA DAME EST SANS MERCI

SEXTINALTERADA, à maneira do troubar ric, d'Arnaut Daniel

Ay, senhor fremosa
d'alvos cachos,
persevero em mi'a
coita. Soberba, coxa
peito cílio espartilho
gosto de laranjeira.

Mal vos acho,
severo pelo dia
qu'çoita, arrocha
o leito: brilho
encosto das beiras.
Dai-me, em sangue, tua rosa.

É vero: em fria
moita há flor roxa.
Eleito, como milho
de agosto, digo: "suadeiras,
cessai, por fim ela é nossa."
Salvos os bagos, me agacho.

Sois tão rara! Na colcha,

trejeitos de lascívia, és utensílio.
Posto o corpo no barulho das feiras,
aí, súbito, te tornas dolorosa:
turvos os olhos, tachos
de ferro, estalas de agonia.

No pleito, me humilho:
gran desgosto é só ver cabeleira,
saia, cona olorosa,
curvos dedos. Como macho
quero na cama estripulia:
doida, vadia, ora poxa!

Preposto das palhas, das ribeiras
faias, suplico: “ó saborosa,
aos corvos não t’entregues. Penacho
de Nero não possuo, mas devoção pia
co’italianas melodias tenho na trouxa.
O jeito é teres comigo um filho!”

Vai,	
	roça
calvos	
	fogachos.
Pero,	
	todavia,
oiça:	
	– mecha:
perfeito	
	pecadilho.
Rosto:	
	rameira.

*PLANCH, que fe Andityas del
senhor d’Ítaca, l’an MMII.*

No 7º ano de
sangue
Aquiles,
deus entre os homens,
pereceu.
a linguagem
não entendida
está
(Tirésias)
ao Hades.

Tirésias
Ao Hades.
Ao Hades.
na tua pele.
Odisseus
grande
enganador
sem virtú.
Amanhã, para
Tróia.
prélude:
tua própria
vida é
feita da
viagem.
– Telêmaco –
(acalme-se)
Reis glorios, verais
lums e clartatz
Será que
chove no
mar?
no mar.
allemande:
espada curta
ok
lança
ok
escudo
ok
foto de
Penélope.
courante:
peitos seminus
suor medo
garoa
lama entrando
nas sandálias.
Michelangelo
fez o túmulo
de
Júlio II
e morreu em
Roma.
sem casar.
Ousarás
Dante nunca

mais pôde
respirar
violar meu solo?
o gentil
ar
de
Florença.
sabedoria
eu terei:
sozinho.
exílio
dor
escreve,
Minha Ítaca,
Minha casa.
há grandes
cousas que
não poderás
Scylla:
Menelau:
esquecer.
são tuas.
sarabande:
as sereias
cantando
o Aue
Verum
de Mozart.
jazzístico
o estômago
se contrai.
(Dai-me
minha Ítaca.)
suas bundas
de peixe
queimam.
matinas:
:laudes
signore,
Deus poderos, Senher,
si a vos platz
Profanaram
minha casa
– mas e o sangue de tua mulher? –
(ficar furioso
é fácil.)
não compreendes?

Ai, las! tan
cuidava saber
D'amor, e tan
petit en sai!
Crepúsculo
dois clarões:
Ítaca.
gigue:
Al meu companh
siatz fizels aiuda,
é noite.
cães do meu
avô
uivam.
Qu'eu non lo vi,
pois la noitz fon
venguda;
Et ades
sera l'alba.
e logo será manhã.
logo será manhã.
os relatos
sobre minha
morte foram
um tanto
exagerados.
Cada
alfinete
que roubaste
me será
devolvido.
Beethoven
não retornou
a
Bonn.
Plange.
Seus ossos
descansam
– e para vós,
traidores,
nada mais
que o
degreco
perpétuo –
em paz.
Bel Companho
pos me parti

de vos,
morte
natural
para sempre.
pela
flecha
de
Odiseus
Eu no.m dormi
ni m.moc de
genolhos,
quando vem
a alba
eu te
digo
: bebe
bebe
deste
potente
veneno,
estas carnes
de lebre
eu trouxe para
ti, estas peles,
estes vasos
ornados,
para ti
No
mar
é
esquecimento.
Mas
não o
hálito
de mea
domna.
Aos 10 anos
Pau
na
Catalunya.
Bach
sucesión
sucessão
suíte
Hoje.
não a quinta.
não a das

trevas.
Eurímaco: morto.
todos os
demais:
mortos.
madeira
cheiro de
folha verde.
a primeira.
Mão
envelhecida:
o arco.
é
como
voltar
pra
casa:
Commencemens de
dolce saison bele
Que je voi revenir,
Remembrance d'amor que
me rapele,
Dont ja ne quiers
partir,
teu
campo:
elísio
teu
seio:
fror.
de pura
maciez
soave
cal
bágoas
dos
anxeles.
escreve,
há
grandes
cousas
que não
poderás

esquecer.

SÃO TUAS.

(Entrevista concedida a Rodrigo de Souza Leao)